

Ambitos de Ação Pastoral

I- A AÇÃO PASTORAL NO ÂMBITO DA PESSOA

A centralidade da pessoa no ministério de Jesus, bem como na obra da criação, faz do ser humano o ponto de partida e de chegada da ação pastoral. O conceito de pessoa é uma construção cultural, relativamente recente. A consciência atual do ser humano como sujeito de direitos e dotado de uma inalienável dignidade, independentemente de sua condição social, apoia-se no valor eminente que tem precisamente por ser pessoal. Entretanto a revelação judeu-cristã, codificada nas Escrituras, guarda, zelosamente, a consciência desse tesouro absoluto em Deus.

Daí, também, decorre atitudes, comportamentos e ações concretas a partir da fé. Por aí começa a pastoral, ocupando-se de cada pessoa — homem e mulher —, em seu contexto sociocultural, para que se realize como ser humano, em uma comunidade, inserida no emaranhado das relações sociais.

1.1- Perspectivas de ação pastoral no âmbito da pessoa hoje: a personalização

No âmbito da pessoa, a ação pastoral contempla um amplo leque de ações, umas básicas e permanentes, outras mais emergentes, segundo contextos e épocas. Por questão de espaço, vamos nos limitar, aqui, a acenar para algumas tarefas relevantes na atualidade. Sem dúvida, o grande desafio atual consiste na reconstrução da identidade pessoal e na conquista de uma liberdade autêntica na sociedade consumista. Hoje, em tempos de crise da Modernidade, há uma crise das identidades em geral, inclusive a pessoal. Emerge o indivíduo hipernarcisista, hiper-hedonista e hiperconsumista, que compromete seu ser livre.

1.2- Reconstrução da identidade pessoal

A identidade do ser humano só toca na conjugação harmônica entre sua natureza Individual e social. Desfaz-se essa harmonia quando a pessoa se fecha no egoísmo ou se deixa absorver ou é agredida pelo universo exterior. Uma ação pastoral, que promova a reconstrução da identidade pessoal, passa, entre outros, pela acolhida e orientação, pelo aconselhamento pastoral, pela atenção às necessidades básicas, pela educação permanente e integral, pela formação do espírito crítico etc., que podem contribuir na construção da identidade pessoal.

Nesse contexto, ganham cada vez mais relevância os ministérios da acolhida e do aconselhamento pastoral. “É de fundamental importância, igualmente, o resgate das raízes culturais e das relações familiares da pessoa, superando-se o "presentismo" ou o “momentaneísmo” atual, que prescindem da tradição. Sem consciência do passado, desde a realidade presente, não há possibilidade de um futuro crescentemente melhor.

1.3- Educação para uma liberdade autêntica

Elemento essencial da identidade pessoal é a liberdade, que faz dela, ao mesmo tempo, única e um fim em si mesma. A pessoa é o ser "irrepetível", diferente de qualquer outro e incapaz de ser suprimido, com uma vocação e tarefa própria na história. Na pessoa, dá-se a conexão entre o universal e o particular, a unidade do universal e do infinito, constituindo-se na base de direitos inalienáveis e fundamento de sua dignidade. A pessoa é um ser que comporta em si mesmo um destino e uma finalidade. É o eterno do temporal, o Infinito do finito, o espírito da matéria. E tudo medida em que a Igreja foi difundindo a fé cristã no encontro com os povos da cultura greco-romana. Sobretudo quando o cristianismo tornou-se "religião" oficial do Império Romano, começou a predominar uma vivência mais de massa que de comunidade. Da experiência da fé em "igrejas domésticas" passa-se às peregrinações, à presença de multidões nas grandes catedrais às procissões.

Da Eucaristia celebrada como ceia nas casas se passa à missa celebrada nos templos ou como uma das formas de adoração do Cristo sacramentado. As relações interpessoais passaram a ceder lugar ao impacto emotivo de eventos massivos.

Os sacramentos, símbolos de uma comunidade de fé, passam a ser sinais sociológicos da pertença a uma cultura particular. Com o advento da Modernidade, há um acirramento da fragmentação do comunitário. A irrupção do indivíduo e da liberdade de consciência opera uma privatização da religião na esfera do pessoal. O intimismo reduz o religioso à dimensão invisível e anti-social da pessoa, perdendo-se toda a riqueza do encontro comunitário. Em certos momentos, o racionalismo frio o, em outros, seu antagonista, o intimismo, substituem a autêntica vivência eclesial comunitária por "cristãos sem Igreja".

Na contemporaneidade, o sistema liberal-capitalista acirrou ainda mais individualismo, fragmentando as experiências e instituições comunitárias como um todo, a começar pela família. A pessoa se perde no anonimato dos poderes do Estado e das instituições políticas e econômicas. No campo religioso, as grandes tradições perdem terreno para grupos religiosos autônomos, que tendem a fazer de Deus objeto de desejos particulares. Cada voz mais as pessoas têm dificuldade de crer com os outros e naquilo que os outros creem. A experiência religiosa se volta para o emocional, conformando comunidades invisíveis e virtuais, de "cristãos" sem Igreja.

A grande tarefa pastoral, nesse âmbito, é ajudar os indivíduos a darem o passo do âmbito pessoal para o âmbito da comunidade, como forma de superação do individualismo. A relação "eu-tu" precisa desembocar em um "nós", seja no eclesial, seja no social, acima de particularismos estreitos e estes reis. Essa tarefa implica abertura para a colaboração, para o trabalho de equipe, para a organização social e a amizade a ser travada nas lutas da vida.

Só verdadeiras comunidades podem contribuir na construção de uma Sociedade solidária. Para isso, urge a oferta de oportunidades de encontro, < li - práticas solidárias e de experiências de amizade, bem como de espaços de educação ao relacionamento solidário e fraterno. Desafia-se a renovação da paróquia em comunidades menores, para dar acolhida a outras formas comunitárias de viver a fé. Desafio ainda maior é colocar os "movimentos" eclesiais dentro da comunidade e da Igreja local.

III. A AÇÃO PASTORAL NO ÂMBITO DA SOCIEDADE

A realização da vocação humana e cristã se dá quando o indivíduo sai de si e torna-se pessoa e, na sequência, transcende-se na comunidade para, finalmente, com os outros, fazer-se servidor de todos na sociedade. Indivíduos atomizados ou massificados não podem exprimir toda a riqueza do seu ser. A vocação humana advoga para a convivência de cidadãos livres, numa sociedade livre, justa e solidária. A Igreja, enquanto comunidade, igualmente só cumpre sua missão quando se faz missionária, sai de si e exerce um serviço na sociedade, o espaço de edificação do Reino de Deus, que não é uma realidade intimista.

O Vaticano II insere a Igreja no seio da sociedade, numa atitude de diálogo e serviço a todos, em especial aos mais pobres.

3.1- Perspectivas de ação pastoral no âmbito da sociedade hoje: refazer o tecido social

Sem dúvida, em meio ao crescente processo de diferenciação e fragmentação do tecido social, o grande desafio pastoral no âmbito da sociedade é o escândalo da exclusão, da violência na sociedade consumista, hoje na corrupção política. No horizonte da doutrina social da Igreja, a sociedade deve guiar-se pelo princípio da solidariedade, segundo o qual a pessoa existe para a comunidade e para a sociedade, as quais existem para a pessoa. Cada pessoa é responsável pelo bem comum na sociedade. E a sociedade não tem outro objetivo senão buscar uma vida digna para as pessoas. Além desse objetivo, cabe à sociedade reger-se, igualmente, pelo princípio da complementaridade ou da subsidiariedade, segundo o qual ela deve ajudar a complementar a ação das pessoas ou comunidades naquilo em que elas não são capazes. É a busca do bem comum, que consiste na estruturação e organização social adequadas, capazes de somar os objetivos, esforços e ideais de todos os membros da sociedade. Nessa perspectiva, importa, hoje, reconstruir sem cessar o tecido social, que as tendências anarquistas e totalitárias, bem como a mercantilização das relações humanas e institucionais, operadas pelo sistema liberal capitalista, tendem a fragmentar e destruir. Importa lutar contra a lógica de uma sociedade engendrada pela cultura tecnológica. Uma das missões mais importante' da igreja hoje é a defesa das pessoas e comunidades, assim como a defesa da sociedade em seus "corpos intermediários", organizados, enquanto sociedade civil, diante do poder, seja do sistema financeiro e do grande capital, seja dos Estados "herodianos", que se limitam a garantir o progresso econômico de uns poucos.

O sistema liberal capitalista tende a submeter as pessoas e as comunidades a seus objetivos pragmáticos, uniformizando povos e culturas. Defender as culturas agredidas por modismos hegemônicos e os valores populares ameaçados de desaparecimento é uma das missões mais prementes da Igreja hoje.

Por outro lado, cabe pressionar o Estado a cumprir sua finalidade, que é a de estimular as forças adormecidas ou excluídas da sociedade para promover um desenvolvimento solidário, organizando os diversos setores sociais mobilizando-os em vista da superação da fome e da miséria. A sociedade dos países subdesenvolvidos tem sua situação agravada em virtude das grandes diferenças na distribuição dos bens naturais e dos recursos econômicos, dos grandes desníveis de educação e capacitação técnica, do desemprego, do déficit habitacional etc.

Essas desigualdades aumentam a violência, contribuindo para a instabilidade da situação social. Mas não bastam ações no âmbito dos Estados nacionais. É preciso desencadear ações em rede, de alcance mundial, encurtando distâncias entre os povos e contribuindo para a criação de uma comunidade internacional, global por uma instância de autoridade racional comum. Só um poder de todos, consertado em nível internacional, é capaz de regulamentar conflitos internacionais e alcançar uma relação justa e igualitária entre os povos. Nessa perspectiva, pastoralmente, poder-se-ia vislumbrar algumas ações: pontuais, tais como:

- a participação dos cristãos em iniciativas da sociedade civil, com presença nos conselhos paritários, visando à superação das desigualdades, da exclusão, da miséria e da violência;
- a criação de grupos de formação e ação, em vista da participação da sociedade civil na política, à luz da fé cristã;
- o acompanhamento do trabalho do Legislativo e do Executivo, representando as aspirações populares;
- o trabalho na mudança de mentalidade consumista, adotando um estilo de vida mais austero, no espírito das bem-aventuranças do Evangelho;
- a formação da consciência moral e da prática social cristã acerca dos novos problemas de ordem ética;
- a colaboração com outros grupos religiosos ou da sociedade civil, em espírito ecumênico e cidadão, na busca de uma sociedade justa e solidária;
- . o apoio a políticas que favoreçam a inclusão social daqueles setores da população que foram excluídos por nossa história de colonização, discriminação e escravidão;
- . o respeito e a valorização das tradições culturais e religiosas indígenas e afro-brasileiras;
- . a participação em ações diante de causas como desarmamento, promoção da paz, socorro de urgência e nas catástrofes, alimento aos famintos, ensino

para analfabetos, reabilitação para drogados e alcoólicos, combate à prostituição de crianças, jovens e adultos;

. a conscientização da necessidade do valor da coerência de vida dos cristãos com sua fé, mostrando que a religião, especialmente o cristianismo, é fermento de libertação e de transformação da sociedade;

- a vigilância ante a tentação de transformar a religião em mercadoria, numa sociedade excludente e consumista, voltada, basicamente, para o lucro;
- o uso adequado dos meios de comunicação de massa na pregação do Evangelho, consciente do poder econômico que os domina, despertando o senso crítico dos fiéis, cuidando da formação dos comunicadores e valorizando os recursos da Internet;
- a atenção especial à pastoral urbana, através da multiplicação e diversificação das comunidades eclesiais, do planejamento comum entre paróquias de uma mesma área ou cidade, da criação de centros de evangelização e da tessitura de redes de comunicação e contatos com aqueles que não conseguem ligar-se de forma permanente com uma comunidade;
- o cuidado com a pastoral universitária, visando à formação das futuras lideranças sociais e políticas;
- a manifestação, por parte da comunidade cristã, de interesse autêntico e sincero pelos problemas da sociedade, para poder celebrar, dignamente, a própria liturgia;
- o empenho para a educação no conhecimento da doutrina social da Igreja, como decorrência ética e necessária da fé cristã;
- a educação para a solidariedade, através da formação na ação, participando de grupos e escolas da "fé e política"
- a promoção de celebrações nos grandes momentos da vida do povo, como forma de incentivo à prática da solidariedade e reforço da consciência cidadã;
- a superação das desigualdades econômicas e sociais, existentes no interior da própria Igreja, tornando mais efetiva e dinâmica a circulação e partilha de recursos materiais e humanos entre dioceses e paróquias ricas e pobres, como testemunho de comunhão etc.

Fonte: Brighenti, A. A Pastoral dá o Que Pensar...Paulinas, SP. 200